

JOVENS, PERCURSOS E ATIVIDADES ARRISCADAS NAS CORRIDAS ILEGAIS DE CARROS: O RISCO COMO COMPONENTE IDENTITÁRIO

LEILA JEOLÁS¹

LUIZ ANTONIO DE CASTRO SANTOS²

RESUMO

Pretende-se trazer algumas reflexões sobre as práticas das corridas ilegais de carros e motos (“rachas”) entre jovens de segmentos populares. O conhecimento transmitido – “saber-fazer” – nesse universo abre a esses jovens a possibilidade (precária) de uma atividade ou de um ofício que os potencializa, como indivíduos, grupo ou coletivo, para enfrentar, sobretudo, o desprestígio e a invisibilidade sociais, mas também a instabilidade profissional. No mundo dos motores e da velocidade, dentro dos limites fluidos entre lazer e trabalho, a experiência sensorial intensa potencializa contra as pressões e incertezas do cotidiano. Nas inter-relações de classe, de geração e de gênero, o risco torna-se, em tais práticas, um componente de construção identitária e de reconhecimento, além de poder ser uma forma de *ganhar a vida*.

Palavras-Chave: Juventudes. Risco. Percursos. “Rachas”.

¹ Professora aposentada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, Brasil. leilajeolas@gmail.com

² Professor aposentado do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atualmente Professor Visitante de Sociologia da Universidade Federal do Sul da Bahia de Porto Seguro, Brasil. lacs@compuland.com.br

YOUNG PEOPLE AND HIGH-RISK ACTIVITIES IN RACING CARS: THE RISK AS IDENTITY COMPONENT

ABSTRACT

The present article intends to bring some thoughts about illegal practices by the youth, mostly from the lower classes, in the context of speeding/racing cars and motorcycles. The knowledge transmitted in this universe opens to these young people the possibility, no matter how precarious, of an activity or an occupation that allows them, as individuals, group or collectivity, to face the low status and social invisibility of their lives and family backgrounds. In car races, in the midst of quite fluid boundaries between leisure and work, the intense sensory experience compensates for the pressures and uncertainties of daily life. In class, generation and gender interrelations taking risks becomes, in such practices, a component of identity-building and recognition, besides being a way to *make a living*.

Keywords: Youths. Risk. Life trajectories. Racing cars.

INTRODUÇÃO

*C'est fait à l'instinct, sur l'instant,
Sans calculer le destin
Psy 4 de la Rime*

O contexto de flexibilização das relações de trabalho e de precarização do emprego, bem como as transformações nas dinâmicas familiares e no sistema educacional – particularmente da escola pública –, multiplicam as incertezas nas transições para a vida adulta e potencializam as situações de risco e de vulnerabilidade com as quais os jovens podem se defrontar. Tais mudanças estruturais ocorridas nas últimas décadas afetam os jovens (mas não só) de todas as classes sociais de forma diferente e com consequências certamente desiguais (CAMARANO, 2006; PEREGRINO, 2012)³.

³ Texto apresentado no XII CONLAB - Congresso Luso-Afro-Brasileiro e parcialmente modificado para fins dessa publicação. O evento foi realizado entre 01 e 05 de fevereiro de

Tais transformações contribuem para o processo de fragmentação dos percursos de vida marcados por estruturas de vida “labirínticas” (PAPPÁMIKAIL, 2012). Se, de modo geral, as passagens ou transições para a vida adulta são descritas como processos de constituição de identidade pessoal e social, de orientação e inserção profissionais, de criação de entidade familiar e residencial e de autonomização pessoal (MARQUES, 2003), os jovens se encontram, atualmente, cada vez mais distantes de modelos lineares de transição (MACHADO PAIS; CAIRNS; PAPPÁMIKAIL, 2005; FEIXA; NILAN, 2009, p. 18). Isso se expressa nos seus “percursos de vida”, compostos de várias trajetórias que expressam a fluidez, a incerteza e a precariedade próprias das biografias atuais não apenas dos jovens (SAPIN; SPINI; WIDMER, 2007)⁴.

Nesse contexto, a complexa tarefa de definir os limites iniciais e finais da fase da vida denominada “juventude”, bem como sua própria conceituação, escaparia ao escopo deste artigo, mas a metáfora da evolução dos transportes, utilizada pelo sociólogo português José Machado Pais (2006), pode ajudar a esboçar o alcance das mudanças que afetaram os jovens de modo geral: De acordo com o autor, as transições para a vida adulta no pós-guerra europeu, seriam comparáveis às viagens de trem, nas quais, dependendo do

2015 na Universidade Nova de Lisboa-Portugal. Os autores apresentaram no GT “Culturas juvenis, novas ocupações e percursos de inserção profissional: culturas de rua, artes e criatividade” reflexões sobre atividades/ocupações juvenis, nas quais práticas de risco constituem um componente identitário. Eles cotejaram os significados de tais práticas no contexto das corridas ilegais e do tráfico de drogas. Para fins desse artigo, optou-se por focar a discussão referente apenas aos dados da primeira pesquisa já finalizada sobre “rachas” de carros e motos (JEOLÁS, 2008). Por falta do tempo necessário, não foi possível discutir a importante contribuição ao tema referente ao contexto do tráfico de drogas, que fica aqui registrada, em pesquisa realizada por Luiz Antonio de Castro Santos e Maria Lucia Zamora (Relatório em preparo: Jovens à deriva: modernidade líquida, identidades esgarçadas).

⁴ Optamos por utilizar o termo “percurso” como conceito, pois ele abrange várias trajetórias familiares, escolares, profissionais e religiosas entre a infância e a idade adulta. Para Marlène Sapin, Dario Spini e Eric Widmer (2007), o “percurso de vida”, além de ser composto de várias trajetórias, é processual e indica recuos e mudanças de sentido ao longo da vida dos indivíduos.

capital econômico e cultural, os jovens podiam escolher destinos predeterminados. Mais tarde, as transições seriam comparadas às viagens de automóveis, com os itinerários selecionados dentre um grande leque de alternativas, mas também dependentes das condições dos condutores. Atualmente, as transições são múltiplas, semelhantes a um labirinto rodoviário, com vários sentidos obrigatórios, outros proibidos, eventuais alterações de trânsito, caminhos experimentados, (re)feitos e (re)tomados, incluindo vias sem saída e, desta forma, provocando vaivéns ininterruptos e sensação de confusão.

Tais situações multiplicam as condições juvenis e problematizam conceitos como o de rito de passagem que marcaria as transições indicadas pelas faixas etárias. A própria ideia de transição precisa ser pensada com cautela, pois toda a vida está permeada de incertezas e inseguranças compartilhando características de liminaridade⁵. Em tal contexto, as transições dos percursos de vida não são mais claramente demarcadas por ritos comuns, pois as passagens são múltiplas, os percursos indeterminados e os ritos atuais parecem marcar tais passagens de maneira mais individual do que coletiva, e de forma mais privada do que pública. Isto possibilita reforçar construções identitárias, sem garantir, no entanto, um sentido de pertencimento coletivo ou de mudança de status social (AUGÉ, 1994). Neste sentido, de acordo com David Le Breton (2007, 2009), múltiplos ritos marcam a entronização nos grupos de pares e uma “metamorfose de si” (sempre provisória) para atribuir significado à vida, de forma fluida e temporária e, além disso, podendo contar também com características de “contrabando”, quer dizer, reprovados pelas instituições sociais.

⁵ O que nos permite considerar a pertinência do conceito de Victor Turner, quando visto sob uma perspectiva de “drama social” e performance, como sugere Teodoro Patera: “A liminaridade se destaca como o campo da possibilidade, sendo um recurso que sinaliza uma situação social pronta para acolher as alterações radicais das estruturas presentes [...]. De acordo com Turner, a performance é o meio para a realização desta reescritura dos códigos culturais na zona cinzenta da liminaridade” (PATERA, 2014).

Este é o caso dos aficionados por corridas clandestinas de rua, os “rachas” de carros e motos, sujeitos desta análise, cujas sociabilidades e subjetividades se elaboram em contexto de práticas de risco e em situações de “atrito” na ocupação do espaço urbano, onde se expressam como uma forma de protesto latente para se tornarem visíveis (MACHADO PAIS, 2004, 2006). Se, de modo geral, os jovens não podem contar com ritos unívocos que propiciam significações coletivas, eles “bricolam” ritualizações em seus percursos de vida a partir de referências circunstanciais e de outras adquiridas em seus processos de socialização (BALANDIER, 1994). Podemos emprestar outra ideia de Le Breton, a de ritos permanentes de virilidade (LE BRETON, 2009, p. 35), nos quais os “rachadores” testam e provam, aos olhos de seus pares, das garotas e da polícia, valores como audácia e coragem, próprios de um estilo de masculinidade hegemônica. A sensação de domínio sobre as máquinas e de prestígio entre os pares propiciam o sentimento de pertencimento e de visibilidade.

Este artigo vem abordar algumas questões sobre formas de enfrentar/suportar/ganhar a vida, nas quais lazer e trabalho, legalidade e ilegalidade, formalidade e informalidade se embaralham de maneira fluida e diferenciada, nos percursos arriscados de vida desses jovens. A associação do adjetivo “arriscado” ao termo “percurso” refere-se ao risco presente nas altas velocidades buscadas e alcançadas e às manobras realizadas pelos “rachadores” que podem leva-los à morte. Para apreender este fascínio pela velocidade e pelo risco, a violência e as discriminações a que se expõem, compreendemos que nenhuma das categorias de diferenciação social daria conta se consideradas de forma isolada. Por essa razão, buscamos ressaltar na análise como as coerções e os conflitos de geração, de classe e de gênero (inter)agem de maneira dinâmica nas condições específicas do contexto pesquisado.

Esperamos contribuir para o debate no âmbito das ciências sociais sobre os limites entre a potencialidade de agenciamento dos

atores e as coerções das estruturas sociais (MACHADO PAIS; CAIRNS; PAPPÁMIKAIL, 2005), a partir da análise deste universo dos “rachas”, no qual a interface com a ilegalidade e, por vezes, com a criminalidade (roubos e uso de drogas), produz “inclusão desigual”, nas palavras de Rossana Reguillo (2012), ou inclusão perversa, de acordo com Alba Zaluar (2004), uma vez que o risco “corrido” com relação à velocidade torna-se componente de construção identitária, apesar do viés de reprovação e de discriminação que envolve tais práticas, quando o ato heroico das provas públicas de coragem traz ganhos de prestígio e a possibilidade de reconhecimento e de “*ganhar um nome*” próprio entre os pares.

O CENÁRIO DOS “RACHAS”: ENIGMA E COMENTÁRIO⁶

Considerados como práticas juvenis, predominantemente do sexo masculino e, originalmente, nos anos 1960, de jovens “filhinhos de papai” (CARMO, 2001), os “rachas” se estenderam, nas últimas décadas, aos jovens “manos” de segmentos populares e são praticados, atualmente, por todas as classes ou segmentos de classes sociais, não só no país, mas em muitas e diferentes regiões do mundo.

No caso dos “rachadores” participantes da pesquisa, eles pertencem a uma faixa etária que ultrapassa os limites etários definidores da juventude, apesar de se iniciarem neste universo dos motores e da velocidade desde a infância⁷. São todos do sexo masculino e começaram a exercitar tais práticas através do aprendizado ou da observação de seus pais, tios, primos, irmãos ou patrões. Com o tempo,

⁶ Conforme, em outro contexto, a sugestão do crítico literário Davi Arriguci Júnior (1987).

⁷ A pesquisa etnográfica sobre os “rachas” foi realizada na cidade de Londrina, Paraná, entre 2007 e 2009, utilizando-se de várias técnicas e abordagens: pesquisa na internet em comunidades que tem o “racha” como foco de interesse; pesquisa de campo realizada com ajuda de um estudante, também “rachador”, que serviu de guia e de assistente de pesquisa; observação e elaboração de caderno de campo; conversas informais e entrevistas formais registradas e transcritas; e registro de fotos e vídeos (JEOLÁS, 2008).

passaram a desenvolver um “saber-fazer” e aplica-lo como forma de lazer ou de trabalho mais ou menos informal e precária⁸. São oriundos de segmentos populares e de camadas mais baixas das classes médias. No universo das motos de baixa cilindrada prevalecem os jovens de segmentos populares que utilizam suas motos para o trabalho e para os “rachas”; no universo dos carros, há jovens de segmentos populares, jovens de camadas mais baixas das classes médias, com carros velhos ou antigos reparados e “preparados” à medida de suas possibilidades, das redes de trocas de peças, serviços e favores.

As coerções e os conflitos de geração, de classe e de gênero (re)produzem diferenças e desigualdades de diversas modalidades neste universo de pesquisa: “manos” X “filhinhos de papai”; jovens X adultos/pais/policiais; rapazes/homens X garotas/mulheres. Criam igualmente conflitos e tensões entre os grupos distintos: “titanzeiros”⁹ X “cheveteiros” X “opaleiros” X “dodgeros” que manifestam uma forma de autonomização de redes e de estilos de vida, através de um processo de etiquetagem/identificação dos diferentes grupos que compõem o mundo das corridas ilegais. O que une os diversos estilos, gostos, linguagens e símbolos de identificação, dependendo da marca do carro/moto, do pertencimento de classe e dos locais de encontro, é a busca de reconhecimento e de distinção, através de atos de transgressão.

Com relação ao pertencimento de classe, os conflitos são intensificados pelos estereótipos difundidos nos meios de comunicação, sobretudo os sensacionalistas, que reforçam preconceitos já existentes em relação aos jovens, de modo geral, considerados potencialmente “irresponsáveis” e em relação aos jovens pobres, identificados como

⁸ O universo dos “rachadores” é heterogêneo quanto à faixa etária, abarcando jovens de menos de 18 anos e adultos de mais de 40 anos, o que permite afirmar que a juventude refere-se aqui muito mais ao sentimento de “ser jovem”, associado a estas práticas, do que propriamente aos limites fixados pela idade.

⁹ Relativo à motocicleta Titan (Honda) de baixa cilindrada (160 cc), um dos tipos mais baratos do mercado.

“marginais” ou “criminosos” – no caso, os “manos”, os “titanzeiros” –, intensificando a ação arbitrária da polícia e o julgamento discriminatório da população. Entretanto, no processo ininterrupto de auto-identificação e de diferenciação entre os grupos, as tensões que, de tempos em tempos, podem desencadear brigas e violências físicas entre eles, não podem ser entendidas como conflitos estruturais de classe, mas refletem, muito mais, os conflitos culturais ou simbólicos produzidos por diferenças de estilos. Certamente o capital econômico desempenha um papel importante no jogo das distinções sociais, mas os “rachadores”, destituídos desse capital, adquirem um capital tecnológico que lhes permite brincar/“preparar” carros e motos à sua própria imagem, dominar motores e ganhar competições em performances admiradas por seus pares. Não se trata, portanto, de uma luta ou de um confronto contra desigualdades ou em prol de transformações coletivas, mas de uma busca por diferenciação/identificação para expressar um sentimento de pertencimento a um grupo/rede e a um estilo de vida, denominado por Alain Caillé (2007) de “jogo de reconhecimento”, permitindo-lhes lutar contra o déficit de visibilidade, a falta de respeito e a discriminação.

No que se refere aos conflitos e hierarquias produzidos nas relações de gênero, eles são reafirmados no universo dos motores e da velocidade, através da ênfase em valores próprios de um estilo de masculinidade hegemônica, tais como competitividade, coragem e audácia (ALMEIDA, 2000; CALPE, 2010; CONNELL, 1997; KIMMEL, 1998), e do reforço do papel das mulheres, na maior parte das vezes, como acompanhantes, espectadoras e testemunhas das proezas e performances dos homens, podendo lhes atribuir maior prestígio se forem bonitas e atraentes¹⁰. Há casos de mulheres “rachadoras”

¹⁰ É rara a participação das mulheres como “rachadoras”, mas, aos poucos, crescem as referências a elas, mesmo que sejam apontadas como exceções neste universo. No Japão, por exemplo, na modalidade desta prática chamada de *drifting* há presença expressiva de garotas competindo com os rapazes.

reconhecidas no meio, mas, quando são lembradas, a referência à sua competência é acompanhada da expressão: “apesar de serem mulheres”. As poucas entrevistadas praticantes de “rachas” afirmaram que as exigências e expectativas com relação às suas performances são redobradas justamente “por serem mulheres”. Os desafios lançados e respondidos publicamente, compreendidos por Le Breton (2009, p. 35) como ritos permanentes de virilidade e com características de “ritos de instituição” (BOURDIEU, 1982), instituem e sancionam expectativas comuns na forma como agem e constroem as identidades neste contexto. Tais diferenças, por um lado, minimizam a percepção de risco entre os rapazes, uma vez que no processo de socialização sua relação com máquinas e velocidade torna-se íntima e parte de suas experiências; por outro lado, potencializam o confronto com o risco, dado o sentido de competitividade e de prova pública de coragem que têm essas práticas¹¹.

As relações intergeracionais, diversas e diferenciadas, se expressam nos conflitos presentes nas relações com adultos representados pela família e pela polícia/Estado. Quando os pais participaram de “rachas” e continuam atuando no comércio de compra e venda de automóveis e peças, de “desmanches” e de serviços de reparação/“preparação” de carros/motos, a relação com os filhos “rachadores” é permeada de grande ambiguidade. O pai transmitiu ao filho o gosto pelos motores e pela velocidade e ambos compartilham, desde cedo, histórias de audácia, de carros e condutores reconhecidos no meio, além de dividir, por vezes, um “saber-fazer” que pode se

¹¹ Valeria a pena aprofundar a forma como correr riscos envolve valores próprios das diferenças de gênero. A bibliografia sobre as diversas formas de lidar com o risco do HIV/Aids e da gravidez na adolescência, por exemplo, traz uma importante discussão sobre o tema (CALAZANS, 2005). O estudo sobre Reprodução Humana Assistida de Menegon e Spink (2006) ressalta, por exemplo, o fato das mulheres não serem incentivadas culturalmente a correr riscos no campo da aventura, mas, com relação à maternidade, elas enfrentam os riscos e os sofrimentos de uma gravidez multifetal nas muitas tentativas realizadas por meio da Reprodução Assistida.

tornar ocupação/profissão, embora o pai tema pela segurança do filho e não queira que ele pratique “racha” de rua, aceitando apenas os chamados “arrancadões” realizados quinzenalmente no ambiente institucionalizado do autódromo de Londrina. É como se, mesmo conhecendo o gosto e o prazer pelos jogos, pelas “brincadeiras” e “besteiras” realizadas na juventude, o pai relutasse em aceitar que o filho arrisque sua vida em experiências semelhantes.

Com a força policial, as tensões são constantes: por um lado, a sensação de transgressão e de medo potencializa o sentido de coragem e dá prestígio aos mais audaciosos; por outro lado, os jovens enfrentam uma autoridade policial muitas vezes arbitrária que, além de prender carros, motos e aplicar multas, por vezes se utiliza também da violência física, esperando por propinas e, ao mesmo tempo, questionando com interesse as informações técnicas utilizadas para o “preparo” e desempenho das máquinas. Nas perseguições, há uma verdadeira *mimesis* na ação entre policiais e “rachadores” que aceleram o quanto podem, em uma performance de fuga semelhante às corridas ilegais de rua que transgridem as normas de trânsito (ação muitas vezes filmada por celulares dos próprios “rachadores”, do público ou dos acompanhantes).

Essa transgressão de regras, considerada própria da adolescência (ou da passagem para a idade adulta), se inicia na infância, se intensifica na juventude, mas pode se estender para além dessa fase da vida. Isso depende dos percursos de vida e do grau de envolvimento: se uma atividade de lazer esporádica; se ocupação de trabalho, mais ou menos temporária e/ou precária; se práticas de “arrancadas” apenas no autódromo da cidade e não mais “rachas” nas ruas. A “brincadeira” pode virar “coisa séria” quando o conhecimento, o domínio da técnica e o “talento” permitem ao piloto controlar o carro/moto no auge da excitação e da adrenalina. Os estudos de Peretti-Watel (2002, p. 23) com esquiadores, surfistas, escaladores,

dentre outras atividades radicais, exemplifica de que maneira correr determinados tipos de risco faz interagir essa dupla busca de vertigem e de controle, possibilitando ao sujeito exorcizar o sentimento cotidiano de impotência para controlar sua vida e seu futuro, colocando à prova seu próprio corpo para submetê-lo à sua vontade.

Destacaremos, a seguir, os percursos diferentes de quatro jovens a fim de mostrar o lugar – o “entre-lugar”, a bem dizer – dessas práticas em suas vidas, entre lazer e trabalho, mais ou menos precário, temporário e articulado com outras formas de ganhar a vida, e a maneira como essas práticas se realizam no contexto das relações intergeracionais.

Brinca-Titan, com 30 anos na ocasião da pesquisa, casado e com uma filha de seis anos, começou a aprender sobre a mecânica das motos com seu patrão no seu primeiro trabalho em uma oficina mecânica, aos 11 anos de idade. Foi com ele que conheceu o mundo dos “rachas”, mas o gosto pela velocidade vinha da infância, quando já “tirava racha” com sua bicicleta. Na época ele tinha uma oficina mecânica especializada em motos e referência para “rachadores”. Começou na casa da mãe, na varanda e na calçada e, aos poucos, conseguiu se consolidar no ramo, alugar uma oficina e uma casa para sua família. Com essa atividade não “dá[va] pra ficar rico”, dizia, mas não trocava por nenhum outro tipo de trabalho, já que fazia “o que gosta[va]”. Embora tenha tido problemas com a polícia que, volta e meia, visitava sua oficina, alegando que ele “preparava” motos para “rachas”, afirmou que a polícia não podia provar nada e ele fazia apenas o que os clientes pediam. Desta forma, “preparava” motos de todos os tipos, tanto para corridas legais, institucionalizadas, como também para as de rua.

Rock-Dodge tinha 28 anos à época, era estudante universitário e trabalhou como assistente administrativo durante seu todo o seu curso de graduação, quando foi guia, assistente e mediador da

pesquisa sobre “rachas”. Após ter se formado, começou a dar aulas no ensino fundamental como temporário e ajudar a mãe em seu negócio de costura. Seu pai é mecânico, trabalha em casa na reparação de automóveis, fazendo do jardim e da varanda sua oficina e sempre esteve no ramo de compra, venda e reparação de carros. Ele fazia “rachas” quando jovem, levando inclusive os filhos no banco de trás do carro, em uma época em que não havia obrigatoriedade do uso do cinto de segurança. Ele tem um irmão, sete anos mais novo, que também gosta e pratica “rachas” e manobras como *burnout* e “zerinho”, segundo ele “muito louco” e irresponsável. Seu irmão montou uma lavadora de carros e os dois tecem suas redes de sociabilidade em torno desse universo dos carros e das motos.

Piloto-V8 era o mais velho, com mais de 40 anos, bastante conhecido no “meio” e exercia grande liderança no bairro de periferia onde morava entre os garotos “motoqueiros”. Seu percurso é singular por comparação aos jovens pesquisados. Ele participou de “rachas” ou “pegas” na cidade desde os anos 1980 e conheceu muita gente dessa época e do automobilismo oficial que se iniciava, então, na cidade. Além disso, era conhecido no meio dos “rachas” e vários jovens sabiam seu nome e identificavam seu carro, um Dodge motor V8 totalmente personalizado. Ele fora casado duas vezes e morava sozinho na ocasião da pesquisa na periferia da cidade, onde realizava um trabalho como educador social. Ele fora dependente de álcool e de drogas, mas não usava mais nenhuma substância psicoativa já havia 14 anos, por essa razão acreditava no trabalho de redução de danos para a dependência química. Ele se via como referência para os jovens do bairro e considerava os “rachas” um “*exemplo produtivo de droga*” por comparação às drogas ilegais e ao álcool.

Tecno-Titan começou a gostar de motos com oito anos, juntamente com seus irmãos, principalmente o maior, que o deixavam experimentar. Aos dez anos começou a se interessar e a “mexer” com

motos quando foi “*fazer um bico*” em uma oficina mecânica. Todos os seus trabalhos, até a época da entrevista foram como mecânico de oficina de motos, profissão que ele afirmou jamais querer abandonar. Ele tinha 25 anos, na época, era casado e tinha três filhos. A maioria dos jovens que ele conhecia dos “rachas” possuía, como ele, uma moto de baixa cilindrada que era “mexida” para correr mais. Muitos eram entregadores que, segundo ele, tinham que ser rápidos no trânsito, do contrário não dariam conta do serviço, daí suas motos serem utilizadas para o trabalho e para o lazer.

COMENTÁRIO

Para a antropóloga Margareth Mead (2006), pode se observar, a partir do final dos anos 1960, um novo tipo de cultura da juventude contemporânea nas sociedades euro americanas, denominada de *prefigurativa*. Ela instaura uma verdadeira ruptura geracional ao substituir os pais pelos pares na transmissão dos valores e dos comportamentos. Do ponto de vista dos processos de socialização na relação entre as gerações, os prefiguradores são os jovens que figuram como precursores de novos percursos em relação às gerações anteriores. Nos percursos dos “rachadores” alguns se apresentam como prefiguradores, caso do Piloto-V8, e outros pertencentes ao que Mead definiu como cultura *cofigurativa*, na qual os jovens introduzem algumas mudanças nos modelos adquiridos. Vivemos, como afirma Jesús Martín-Barbero (1998, p. 29) uma profunda reorganização dos modelos de socialização, no qual “nem os pais são o patrão-chefe das condutas, nem a escola é o único lugar legítimo do saber, nem o livro é o centro que articula a cultura”.

Entre os “rachadores”, por exemplo, Brinca-Titan segue a transmissão de seu primeiro patrão, mas transformou sua oficina em um local para “preparação” de motos, encontrando um novo

nicho no mercado, com viés de ilegalidade, e tornando-se referência para as novas redes de jovens. Piloto-V8 talvez seja o que mais se aproxima da figura de um precursor de novos percursos. Como liderança e educador social, ele afirma realizar um trabalho informal de “redução de danos” com jovens da periferia no sentido de colocar a “dependência” da velocidade no lugar da dependência do álcool e das drogas. Mas ele continua aventurando-se nos “pegas”, mais radicais do que os “rachas”, porque é “treta”, é “rebeldia”, é “*pau bonito*”. Rock-Dodge retoma “racha” transmitido e, ao mesmo tempo, proibido por seu pai, antigo “rachador”, mas não continua o aprendizado do pai no universo dos automóveis e entra no mundo do trabalho, do estudo e do planejamento de futuro. Ele prefere os “rachas” institucionalizados que se realizam quinzenalmente no autódromo da cidade, pois colocam menos em risco (carros e vidas) e evitam o enfrentamento com a polícia.

O que é comum a todos eles é que têm um conhecimento aprofundado sobre motores e peças e do necessário para “prepará-los” com a finalidade de correr mais. Eles conhecem os motores e os problemas que apresentam, inclusive de maneira sensorial: “*conheço pelo som do motor*” e se inserem nesta rede de trocas por diversão e lazer, mas também para ganhar algum dinheiro de forma temporária para uns e como profissão/ocupação para outros. Eles aprenderam o valor da “automobilização” e também as evoluções das tecnologias automobilísticas de maneira a solicitar, ao mesmo tempo, mais risco e mais controle e domínio sobre as máquinas. Para coordenar a relação entre alcançar a vertigem e retomar o controle, eles desenvolvem um domínio técnico e competência, confrontando a falta de um capital econômico e social por um capital tecnológico transmitido e exercitado ao longo de seus processos de socialização.

De forma resumida, os significados atribuídos pelos “rachadores” às suas práticas oscilam da seguinte forma: entre

experimentar a velocidade como *desafio/prova*, quando testam suas próprias habilidades pessoais e afrontam os outros ou como *engajamento lúdico*; entre a vivência dos “rachas” como *jogo-brincadeira*, no qual o sentido de divertimento se sobressai ou como expressão de um *rito de virilidade*; entre a vivência dos “rachas” com função de um *ritual*, de uma *estrutura antropológica*, que oferece aos jovens os limites necessários à sua existência; ou como *experiência e atitude de oscilação* para poderem mover-se e “navegar” entre os paradoxos e as ambiguidades próprios das sociedades globais de mercado e de informação, submetidas a mudanças permanentes (TURNER, 1986).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O RISCO COMO COMPONENTE IDENTITÁRIO

A noção de risco, cujos significados são distintos e abrangem várias tradições discursivas, ganha enorme polissemia e está presente em diferentes áreas do conhecimento atualmente. No senso comum, por exemplo, pode ter sentido negativo ou positivo, dependendo das situações vividas, o que levou a antropóloga Mary Douglas (1994) a enfatizar os contextos culturais e os valores sociais que atribuem significação aos riscos¹². As pesquisadoras Vera Menegon e Mary Jane Spink (2006) sistematizaram três principais campos de significados ou, nos termos de sua pesquisa, de tradições discursivas distintas que ajudam nossa análise: risco-perigo (infortúnios, sorte/azar, fatalidade, destino); risco-probabilidade (cálculo, previsão, prevenção, gestão); e risco-aventura (adrenalina, desafio, coragem, extremo, emoção).

¹² Vários autores tomam o risco como foco de suas pesquisas nas ciências sociais, dado o desenvolvimento acelerado da ciência e da tecnologia produtoras de incertezas e de riscos em grande parte de caráter global. Dentre eles, os sociólogos Beck (2001) e Beck, Giddens e Lash (1997) buscam apreender as formas de gestão dos riscos na modernidade tardia, no sentido de controle do futuro. Outros autores enfatizam a percepção e a experiência dos atores sociais com relação a diferentes formas de correr riscos, caso dos trabalhos de Le Breton (2007, 2009, 2012).

Entre os “rachadores”, trata-se do risco no sentido de aventura instigada pela adrenalina das situações vivenciadas. Eles “confrontam”, “correm”, “cutucam” o risco, que passa a ser um elemento diferencial em suas vidas. Adrenalina, enfrentamento do medo, “virilização”, desafio, relação com a polícia... O sentido da vida se intensifica em percursos não raro individuais; contudo, a pluralidade de papéis sociais (família, esportes, profissão regular ou atividade “quase profissional”) não está necessariamente comprometida – a vida não se resume aos “rachas”, mas pode superá-los e estabelecer graus de liberdade diante dele, ou “sob” ele.

Se lembrarmos sobre os ritos de virilidade, estamos diante de um cenário de “rachas”, de vencedores e vencidos que formam grupos ou redes, cujos “pegas” reforçam os laços identitários e trajetórias pessoais de orgulho e pertencimento. Estamos diante dos “frames” identitários que Erving Goffman identificaria, desde logo, nos tipos de sociabilidade diante do risco. Por certo, estão sempre presentes, no cenário mais largo, coerções estruturais e possibilidades de agenciamento, pessoal ou coletivo, como buscamos mostrar. José Machado Pais, David Cairns e Lia Pappámikail (2005, p. 114) afirmam que os próprios jovens referem-se às suas vidas

[...] como resultado de complexas combinações de recursos, diferentes graus de agência e de oportunidades, emaranhadas transições, complexas e interconectadas, frequentemente envolvendo falsas partidas e revezes, exigindo recorrentes negociações e redefinição de possibilidades.

No contexto de risco que envolve os jovens aqui estudados, as coerções estruturais são reforçadas por ganhos de auto realização individual: acesso ao consumo, prestígio, sucesso, reconhecimento entre os pares. Muitos estudos ressaltam em suas interpretações a busca de reconhecimento social e de construção de identidade como

um dos fatores centrais para a compreensão das chamadas culturas juvenis. Em seus estudos sobre transformações corporais, Vitor Sérgio Ferreira (2008, 2009, 2011) mostra como essas práticas proporcionam ganhos expressivos de singularização social, de autenticidade ou de reconhecimento, expressando um

[...] desejo de existência, de protagonismo e de emancipação, enquanto práticas potenciadoras de um sentimento de estar activamente no mundo e de ser ‘alguém’ no mundo como compensação de uma espécie de sentimento de inexistência (AUBERT, 2005), particular ao estatuto de cidadania dos jovens (FERREIRA, 2011, p. 120).

O fato de arriscar-se, acompanhado do enfrentamento da tensão e do medo da polícia, permite a expressão/afirmação da individualidade e da singularidade, tão valorizadas nas sociedades contemporâneas, possibilitando a distinção no individualismo de massa (PERALVA, 2000). O “instinto do instante” (MACHADO PAIS, 2004) se projeta nos “rachas” e nos “pegas” como diferentes respostas àquelas coerções estruturais, como pontos de fuga, como entre-lugares de resistência e assimilação, rebeldia e sujeição (SANTIAGO, 1978)¹³. Mas se há alguma forma de resistência na transgressão das normas de segurança, ela se dá no sentido de escapar do controle de uma sociedade supervigiada e controlada e encontrar brechas para enfrentar a monotonia do cotidiano.

É neste sentido que o risco se constitui como um componente identitário no percurso de vidas dos “rachadores”. Parece que encontramos-nos no terreno da necessidade de aprovação e apoio emocional que explicaria o esforço para o reconhecimento, como afirma

¹³ Em escritos sobre a literatura latino-americana, Silviano Santiago referia-se ao “entre-lugar” do intelectual na periferia do capitalismo. Veja-se “O entre-lugar do discurso latino-americano”, em *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. O olhar aguçado de Santiago permite entendermos outros mundos, como o da juventude contemporânea, seja na periferia ou em qualquer “matriz”, nos grandes centros.

Alonso Salazar (1998). E tal reconhecimento só pode ser alcançado se os atos forem visíveis (e ainda mais se forem extremos), pois “devolvem ao ator uma imagem de si próprio que lhe propicia a visibilidade” (SALAZAR, 1998, p. 113). Ainda seguindo o autor, essas construções identitárias estão se fazendo cada vez mais necessárias na medida em que os processos e as instituições tradicionais de socialização perdem a força e podem concorrer com entornos nos quais não funcionam as leis e as normas essenciais de convivência (SALAZAR, 1998, p. 112).

Cabe ressaltar a ambiguidade com que os riscos são pensados e vivenciados no contexto das sociedades atuais que, de um lado, nega e tenta prevenir os riscos de todo tipo, incitando contratação de seguros os mais variados, mas, por outro lado e, ao mesmo tempo, propicia uma sobrevalorização do risco pessoal, através de performances, provas e desafios em um processo de “superestimação de si”, como bem observou Patrick Peretti-Watel (2002). Neste contexto sociocultural que valoriza tanto o sucesso material, como a iniciativa individual, o reconhecimento pessoal e o culto à performance (EHRENGERG, 2010), sem propiciar os meios de inserção social para todos, faz sentido aos aficionados por velocidade e corridas ilegais colocarem à prova suas próprias vidas na busca por reconhecimento, visibilidade e singularidade, mesmo que de forma precária e a contrabando das instituições sociais.

Em um contexto de profundas transformações de mundialização do capitalismo e da cultura, em que a experiência social das vivências juvenis caracteriza-se pela precariedade e instabilidade dos laços sociais, os jovens buscam estratégias cotidianas para construir perspectivas de futuro, para reelaborar valores, apesar dessas estratégias não se adequarem, na maior parte das vezes, às “lógicas do pacto de civilidade aprovadas pela modernidade” (REGUILLO, 2012, p. 12).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000.
- ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AUBERT, Nicole. (Ed.). *L'individu hypermoderne*. Paris: Érés, 2005.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BALANDIER, Georges. *Le dédale: pour en finir avec le XXe siècle*. Paris: Fayard, 1994.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BECK, Ulrich. *La société du risque: sur la voie d'une autre modernité*. Paris: Aubier, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Les rites comme actes d'institution. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 43, June 1982, p. 58-63.
- CAILLÉ, Alain. *La quête de reconnaissance: Nouveau phénomène social total*. Paris: Éditions La Découverte/M.A.U.S.S, 2007.
- CALAZANS, Gabriela Junqueira. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 215-241.
- CALPE, José Maria E. *Hombres, motos y riesgo: androcentrismo y sexismo en el mundo de las motos*, 2010. Disponível em: <<http://www.telefonica.net/web2/sword/default.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2010.
- CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.
- CARMO, Paulo S. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2001.
- CONNELL, Robert. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (Eds.). *Masculinidad/es. poder y crisis*. Santiago de Chile: Isis Internacional, 1997. (Ed. de las Mujeres n. 24).

DOUGLAS, Mary. *Risk and blame: essays in cultural theory*. Londres: Routledge, 1994.

EHRENGERG, Alain et al. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

FEIXA, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Política & Trabalho*, João Pessoa, ano 26, n. 31, 2009, p. 13-28.

FERREIRA, Vitor Sérgio. O 'jovem radical' contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, Uberlândia, v. 1, n. 2, 2011, p. 107-127.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Ondas, cenas e microculturas juvenis. *PLURAL*, Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP, São Paulo, n. 15, 2008, p. 99-128.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Pela encarnação da sociologia da juventude. *Iara: Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009, p. 164-200.

JEOLÁS, Leila S. Les courses ilégales de voitures: le cyberspace comme terrain ethnographique. *Altérités: Revue Québécoise des Etudiants en Anthropologie*, [S. l.], ano 5, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.altérités.ca>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, 1998, p. 103-118.

LE BRETON, David. Des rites juvéniles de contrebande. In: YANNIC, A. (Coord.). *Le rituel*. Paris: CNRS Editions, 2009. p. 25-44.

LE BRETON, David. *En souffrance: adolescence et entrée dans la vie*. Paris: Métailié, 2007.

LE BRETON, David. *Sociologie du risque*. Paris: PUF, 2012.

MACHADO PAIS, José. Introdução. In: MACHADO PAIS, José; BLASS, Leila M. da S. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 9-22.

MACHADO PAIS, José. Prefácio: Busca de si. Expressividades e identidades juvenis. In: MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-24.

MACHADO PAIS, José; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-140, 2005.

- MARQUES, Ana Paula. "Outras transições?" Configurações e problemáticas de socialização juvenil. *Sociedade e cultura* 5, Goiânia, v. 21, n. 1-2, p. 141-161, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jóvens: des-orden cultural y palimpsestos de identidad. In: MARGULIS, Mario et al. *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998. p. 22-37.
- MEAD, Margareth. *Cultura y compromiso: estudios sobre la ruptura generacional*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.
- MENEGON, Vera S. M.; SPINK, Mary Jane. Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: problematizando a comunicação sobre riscos. In: FERREIRA, Verônica; ÁVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula (Orgs.). *Feminismo e novas tecnologias reprodutivas*. Recife: SOS Corpo, 2006.
- PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude(s), autonomia e sociologia: redefinindo conceitos transversais a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. In: DAYRELL, Juarez [et al.] (Orgs.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2012, p. 372-393.
- PATERA, Teodoro. Liminalité et performance: de l'anthropologie de Victor Turner aux *Folies Tristan*. *Perspectives Médiévales*, v. 35, 2014. Disponível em: <<https://peme.revues.org/5025>>. Acesso em: 4 ago. 2015.
- PERALVA, Angelina. *Violência e democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- PEREGRINO, Mônica. Novas desigualdades criadas pela expansão escolar na década de 1990: efeitos sobre a instituição. In: DAYRELL, Juarez [et al.] (Orgs.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2012, p. 323-342.
- PERETTI-WATEL, Patrick. Les 'conduites à risque' des jeunes: défi, myopie, ou déni?. *Agora: Débats-Jeunesses*, [S. l.], v. 27, p. 16-33, 2002.
- REGUILLO, Rossana. *Culturas juveniles: formas políticas del desencanto*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.
- SALAZAR, Alonso. Violências juveniles: contraculturas o hegemonía de la cultura emergente? In: MARGULIS, Mario et al. *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. Cap. 1.

SAPIN, Marlène; SPINI, Dario; WIDMER, Eric D. *Les parcours de vie. De l'adolescence au grand âge*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 2007.

TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: Paj Publication, 1986.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.